

REFLEXÕES SOBRE A MEDICINA NA VIRAGEM DO MILÉNIO

M. Fontes Baganha

Professor Catedrático Jubilado da Faculdade
de Medicina da Universidade de Coimbra

Acerca de um tema eterno – o relacionamento médico/doente – continuamos a pensar que a aliança entre a ciência e o amor pelo próximo ao serviço do doente que se nos confia, ao ser humano com os seus problemas, o seu desespero e as suas dificuldades, constitui a sua principal fonte inspiradora. É neste contexto que não me canso de evocar uma descrição de MOUROIS, que tem tanto de bela como de actual *...quanta vezes, nos campos das nossas aldeias, quando no silêncio da noite somente povoado pelos gemidos do doente febril envolvendo os bosques, a esperança ilumina a sua face porque um dos presente lhe parece escutar o ruído longínquo, apenas ligeiramente mais forte que o zumbido de um mosquito, do automóvel do doutor... o próprio doente parece melhorar e em breve o termómetro, como que momentaneamente vencido por um deus mais antigo, tende a imobilizar o débil fio argênteo...*

Mas como os tempos mudaram; nos dias que correm a reacção desse doente seria, pelo contrário, de grande aflição, ao reconhecer nos sons estridentes da ambulância do INEM o desconforto físico e psicológico que lhe acarretará o transporte até um hospital mais ou menos longínquo, afastado do seu lar e da sua família, mas porventura indispensável para lhe salvar a vida. De facto se fosse possível a um médico que tivesse adormecido por volta de 1900 apenas despertar na época que vivemos, que diria ele quando retirado do seu sono?

Provavelmente que não era capaz de reconhecer nada ao assistir estupefacto à extraordinária capacidade que a Medicina hoje possui de influenciar decisivamente o curso das doenças desde o domínio terapêutico da larga maioria da patologia infecciosa, dos distúrbios endócrinos e das afecções hematológicas, à invasão cirúrgica do coração e do cérebro, à abordagem farmacológica dos doentes psiquiátricos, ao transplante inter-

humano de órgãos e, pasme-se, à possibilidade, muito próxima, da criação de vida num laboratório.

E, por outro lado, como apreciaria esse médico a influencia destes progressos tão importantes sobre o próprio exercício da Medicina, o seu ensino e a responsabilidade profissional?

É um facto que a Medicina, no inicio de um novo milénio, está triunfante, mas forçoso é reconhecer que a revolução médica a que assistimos é, em larga medida, consequência de importantes descobertas biológicas que a precedem, de tal forma que a Medicina contemporânea se encontra hoje profundamente ligada à Biologia. Aliás, o termo recentemente proposto de Biomedicina, termo bárbaro, com a sua cabeça grega e cauda latina, traduz bem essa interdependência. E esta revolução alterou a vida do homem, tanto como há quatro séculos o fizeram as descobertas marítimas, colocando tudo em questão.

A Medicina evoluiu mais nos últimos cinquenta anos do que nos cinco séculos anteriores e a minha geração teve o privilégio de viver e exercer a sua actividade a par dessas sucessivas transformações, na prática médica, no ensino e na investigação; podemos constatar como a Medicina que se dirige ao homem e às suas doenças se assumia como uma verdadeira ciência em razão dos seus objectivos e da permanente pesquisa, não sendo mais justificável a disputa escolástica sobre a sua natureza – arte ou ciência.

É curioso como alguns homens, não cientistas, mas com capacidade de poderem inflectir os destinos do mundo, tiveram essa percepção. Assim, por exemplo, no inicio da década de 50, Charles De Gaulle criou em França um *Comité para a Investigação Científica* constituído por quinze sábios – matemáticos, físicos, químicos, astrónomos, agrónomos, biólogos, médicos, etc. Eram recebidos três a quatro vezes por ano, durante as quais tinham cinco minutos para expor um projecto que tivesse sido alvo de estudo, durante esse período de tempo. O tema distribuído a LATERJET e JEAN BERNANRD foi a Biologia Molecular. De Gaulle ouviu-os a todos, analisou todos os projectos, alguns dos quais já nessa altura orientados para o planeta Marte, e decidiu: a prioridade da investigação para a França incidirá sobre a Biologia Molecular, tendo então quintuplicado os créditos que lhe tinham sido pedidos para a sua execução. Foram atitudes como esta que permitiram à Medicina desenvolver e assimilar uma investigação biológica e médica tão intensa e abrangente como a que ocorre nos nossos dias e que nenhum período da história conheceu. De facto, não nos oferece qualquer dúvida que os

resultados da pesquisa que hoje incide sobre as moléculas, esses arquitectos do universo, que constituem o tecido do cosmos e dos seres vivos, virá a encaminhar a actividade clínica para a abordagem de uma patologia fundamentalmente molecular. Como afirma JEAN BERNANRD num dos seus livros, *L'avenir de la Medicine*, as moléculas são o passado, o presente e o futuro, responsáveis por três grandes criações – a da matéria e a da vida, mas também a do homem.

Por isso a formação científica do médico do século XXI deverá ser a mais completa possível, ultrapassado querelas que durante muito tempo opuseram, e nalguns casos infelizmente ainda persistem, os partidários da formação exclusivamente clínica aos do conhecimento essencialmente fundamental, esquecendo-se que o perfil do novo médico exige uma alargada formação nas ciências fundamentais, mas igualmente, e em paralelo, nas ciências clínicas e humanas, qualquer delas indispensável e complementares entre si. A este propósito lembraríamos que se trata de preparar indivíduos para o exercício de uma profissão que, embora exaltante, está repleta de responsabilidades. É certo, como recorda CHARLES BOVARY, *...que face à acelerada aquisição de conhecimento em Medicina, o médico deverá estar permanentemente informado dos seus progressos; isto não é, obviamente, uma obrigação legal, mas é, seguramente, uma obrigação moral.* Mas a capacidade de aquisição generalizada de conhecimento não terá um limite? Não será a altura de repensarmos o perfil do futuro médico e interrogarmo-nos se estamos a formar profissionais que assegurem o pleno exercício da sua actividade, face às exigências de um novo modelo de organização das sociedades? Isto é, não será necessário, também para a Medicina e para o seu ensino um novo paradigma que lhe permita adaptar-se a uma nova ordem social e a alguns dos recentes fenómenos dela decorrentes, por forma a que o progresso científico se possa tornar sinónimo de progresso humano, mas preservando princípios insubstituíveis no nosso relacionamento com o doente que sofre e na esperança que em nós deposita?

Por outro lado, persiste em certos meios uma tendência para imaginar que a investigação e a sua aplicação são, em Medicina, dois domínios totalmente distintos, visão inexacta e perigosa, pois como afirma JACQUES RUFFIÉ no seu magnífico *Traité du Vivant: é pela pesquisa que a condição humana não para de se aperfeiçoar.* E se a invenção constrói o futuro, a Medicina ocupa, neste contexto, um lugar central, verdadeira placa giratória onde se mistura ciência pura, humanismo e humanidade, economia e filosofia, placa esta que em vez de se manter estática se modifica

permanentemente, e em muitos casos se perturba quando recolhe os novos dados fornecidos pela pesquisa profunda das ciências fundamentais, cujos progressos não desencadeiam apenas questões médicas mas igualmente aquelas que dizem respeito a outras áreas, com as suas consequências sociais, económicas, morais e religiosas. Assim, a capacidade profissional do médico assistente depende da qualidade das fontes onde vai beber o conhecimento da nova Medicina, e a qualidade dessas fontes está indissociavelmente ligada à maneira como são influenciadas pelo espírito da investigação. É hoje uma noção perfeitamente adquirida a de que o êxito da Medicina aplicada é proporcional à qualidade dos centros hospitalares universitários e, nestes domínios, nenhum país deterá o segredo da passagem da teoria à prática se não tiver investigadores. A este propósito bastará visitar os países onde não existe investigação médica activa para facilmente nos apercebermos de que os doentes são aí deficientemente tratados, multiplicando-se os erros de diagnóstico e as incorrectas interpretações de exames laboratoriais, bem como a desaconselhada e despropositada utilização de determinados medicamentos.

Aliás, parece consensual a ideia de que, presentemente, a afirmação de um povo no seio da nossa civilização se obtém pela quantidade e qualidade dos professores e investigadores que possui, determinantes do seu nível cultural e abertura ao mundo. Mas nas épocas de profundas mudanças é compreensível que frequentemente surjam resistências que não atendem à necessidade inadiável de grandes modificações, no ensino, no exercício e mesmo no espírito da Medicina; modificações estas que, sendo essenciais, são por vezes dolorosas e nem sempre inofensivas. O recurso às possibilidades aparentemente infinitas da informática, dos computadores, dos programas, das máquinas automáticas, etc, desencadeou, de facto, uma verdadeira revolução médica que parece romper definitivamente com a ordem estabelecida.

Será, como afirmam alguns, que a Medicina contemporânea, triunfante nestes princípios de milénio, ao caminhar para uma prática exclusivamente definida pela ciência nos conduzirá, inevitavelmente, a uma Medicina desumanizada, afastando-se da noção de que o seu exercício deverá ter sempre presente o amor ao doente, como já no fim do século XVI o médico PARACELSO assinalava no epitáfio por ele escolhido para a sua pedra tumular? Haverá necessidade, como sugere THOMAS MANN, na sua fascinante *Montanha Mágica* que *O ser passado será tanto mais profundo, tanto mais lendário, quanto mais imediatamente ceder perante o presente?*... Ou, como afirma o filósofo

vienense KARL POPPER no seu livro *A Sociedade Aberta e os Seus Inimigos: podemos alimentar e esperança de que a ciência continuará a ser uma instituição baseada na tradição, no passado e no presente, e no conhecimento acumulado que é devotado à nossa compreensão, e da natureza?*

Sem subestimar, acrescentamos nós, os benefícios da mudança? O recurso às possibilidades aparentemente infinitas da informática, aos computadores, aos programas, às máquinas automáticas, desencadeou, de facto, uma verdadeira revolução médica que, para alguns, conduzirá inevitavelmente a uma Medicina desumanizada. Por isso nos interrogamos, seriamente, se neste contexto a Medicina actual, com todo o seu potencial científico e capacidade de intervenção quase que ilimitada, não estará a entrar em confronto com ela própria. Isto é, se o ontem chegou de repente não deverá ela encontrar novos caminhos de adaptação às actuais realidades?

De facto, à actividade médica deparam-se hoje problemas de muito difícil resolução, quer sejam de ordem técnica e científica, quer de natureza ética e moral, relacionados com a profunda mutação organizacional das nossas sociedades. Será que há cinquenta anos, longe ainda da fácil e frequente deslocação entre países e continentes, os nova-iorquinos se preocupavam com a *febre do Nilo* na sua cidade? Ou os canadianos com o *Dengue* no seu território? Como é possível assistirmos ao progressivo desaparecimento de populações africanas vítimas da malária, da tuberculose e da SIDA, cuja situação não parece reversível apenas através da injeção de milhões de dólares, como já se constatou? E que fazer perante algumas formas de tuberculose que hoje se apresentam com bacilos resistentes a toda a medicação disponível? E o despertar de infecções emergentes em largas zonas do globo? E o aumento permanente das despesas médico-medicamentosas com os idosos *largados em instituições de acolhimento*, a requererem particularidades clínicas no seu acompanhamento? E que dizer do novo tipo de guerra – o terrorismo internacional – perpetrada por exércitos sem estado, recorrendo a todas as formas de agressão, entre as quais se destacam, tragicamente, as armas biológicas, químicas e nucleares, que enganaram todos aqueles que julgavam chegado o *fim da História* com a queda do Muro de Berlim e que, finalmente, sem guerras, o homem concretizaria o velho sonho da *paz perpétua* e de uma vida inteiramente feliz, assente no progresso técnico? E a possibilidade de afecções reemergentes, que julgávamos extintas, face a modificações imputadas ao agravamento das actuais alterações climáticas?

Vivemos momentos de alguma ansiedade e como cita MONTHERLANT, *o que é trágico nos ansiosos é que eles têm sempre razões para o serem*. Por isso, a mais perigosa das ilusões contemporâneas é a de que vivemos numa época sem precedentes. Ora, visto à escala dos milénios, como lembra CLAUDE LEVI-STRAUSS, *o tempo não retira nada aos amores ou aos ódios sentidos pelos homens, aos seus compromissos, às suas lutas e às suas esperanças: ontem e hoje são sempre os mesmos*.

Apesar dos problemas muito difíceis que os médicos presentemente enfrentam e do padrão tecnicocentrista que parece querer hoje moldar a *nova Medicina* não perfilho que essa visão conduza, inevitavelmente, a uma Medicina desumanizada, pois encaro este progresso técnico como um meio auxiliar, semelhante ao que, durante tantos anos, ocorreu com o recurso ao laboratório e à radiologia; o computador só executa as ordens recebidas e é o médico, e espera-se que só este, o responsável por essas indicações, tendo sempre presente que a grandeza da Medicina, mas também a sua dificuldade, está na aliança entre o dever da ciência e da humanidade e não esquecer em circunstância alguma a interpelação feita por BRUTOS ao enfrentar JÚLIO CÉSAR na peça imortal de SHAKSPEARE: *o mal da grandeza ocorre quando ela separa o poder da consciência*.

Não me interpretem mal, porque fazer um quadro muito bonito do passado é característico de uma certa idade e não esperem, nem eu quero cair numa armadilha tão óbvia. Mas a história ensina-nos que cada geração vê o mundo como novo e empenha-se, por vezes encarniçadamente, em mudá-lo. Já o próprio KARL MARX, muito antes de se ter voltado para o estudo da economia política, na sua fase de jovem filósofo, quando bebia muita da sua formação no historicismo hegeliano e no sonho romântico da liberdade suprema, deixou-nos admiráveis ensaios metafísicos e preciosas notas escritas. Por volta de 1840, quando mal saíra da adolescência, publicou *onze teses sobre Fenerbach*, onde afirmava: *os filósofos só interpretam o mundo, de várias maneiras aliás; a questão, no entanto, é como mudá-lo?* É esta, de facto, a eterna interrogação, embora, não tenhamos dúvidas, as sociedades actuais se encontrem em permanente e profundas mudanças, procurando um novo paradigma organizacional, consubstanciado em diversos movimentos de que são exemplo a acelerada concentração urbana e a globalização, assente numa cultura gerada nos anos setenta, que se afasta do colectivo para privilegiar o indivíduo, despojando-se assim das suas características racionalista e comunitária. E, como é habitual nestas circunstâncias, todos rejeitam a época

precedente; mas deveriam ter presente que ao fazê-lo rejeitam também conceitos tão importantes como os da igualdade e da universalidade.

Na verdade, algumas das mentes mais sólidas e das vozes mais esclarecidas nestes domínios, como a do sociólogo DANIEL BELLE, preparam-se para virar esta esquina da história cheios de dúvidas e de hesitações. Como lembra este investigador, *o uso do prefixo hifenizado “pós” sugere uma sensação de se viver em tempo de intervalo, deixando incerto o que se pode seguir: é o pós-guerra, o pós-império e, mais recentemente, o pós-industrial, para não falar do pós-moderno, o mais enganoso de todos, o qual não faz mais do que aumentar as obscuridades de um tempo já confuso.*

Quando for possível deixar assentar a poeira do tempo que passa poder-se-á então verificar até que ponto a Medicina contemporânea, triunfante neste início de milénio, terá ou não correspondido à realização do sonho de ALDOUS HUXLEY e do seu *Admirável Mundo Novo*. Ao recordá-lo sentimo-nos tentados a interrogarmo-nos se perante todo este progresso o homem se sente hoje mais feliz? Já que alguns se declaram estranhamente afectados por um fenómeno singular traduzido numa perturbadora inquietação à medida que aumenta o seu poder, como se devêssemos ser punidos por brincarmos ao aprendiz de feiticeiro.

A este propósito vem-me à memória uma descrição efectuada por JEAN HAMBURGER numa obra maravilhosa, ainda hoje plena de actualidade – *Força e Fraquezas da Medicina e do Homem*. Segundo a mitologia grega, no mito de PROMETEU, o TITÃ dá aos homens o fogo celeste que lhes confere a inteligência, a sabedoria e a glória. Mas o seu irmão EPIMETEU, confiando irreflectidamente na mensageira de JUPITER vingador, espalha entre eles a miséria, a velhice e a doença. Suponhamos que, depois de assistir às representações que ÉSQUILO consagrou ao mito de PROMETEU, um espectador de teatro ateniense apenas agora acordara, decorridos 25 séculos. Se tivéssemos sido encarregados de lhe apresentar o mundo dos nossos dias seríamos tentados a mostra-lhe as maravilhas que a elaborada inteligência humana soube realizar. Mas no momento de reflexão ele desejaria saber se o homem de hoje, tão rico em conhecimento e poder, é mais feliz do que antigamente.

Nessas circunstâncias propor-lhe-íamos falar do bem-estar, do nível de vida ou da protecção contra a doença, já que a felicidade não depende apenas das descobertas científicas e dos avanços técnicos, mas de algo completamente diferente. Quanto à doença, nós diríamos que a peste e outra patologia infecciosa estão hoje completamente

vencidas; que se sabe abrir um coração e transplantar órgãos. Então, retorquiu ele, as doenças devastadoras praticamente desapareceram da face da terra? Não será bem assim, porque, entretanto, outras apareceram, como a SIDA, para a qual não há cura e porque se reacendem antigas afecções, como a tuberculose, que se julgavam dominadas e outras que há alguns anos cediam facilmente à medicação, como a infecção estreptocócica, outrora responsável pela morte de tantas mulheres com infecções puerperais, cujos dramas povoaram a imaginação de um imenso numero de escritores e consagraram, para a eternidade, o enorme talento da atriz SARA BERNARD em sucessivas e inesquecíveis representações teatrais no CHATELET, esse estreptococcus, dizíamos, desencadeia hoje infecções resistentes à mais pesada antibioticoterapia. E, para além disso, todos os dias morrem inúmeros doentes, que teórica e facilmente se deveriam curar. Mas no nosso tempo, diria o ateniense, havia ainda em zonas remotas da terra humanos que morriam de fome. Infelizmente, acrescentaríamos nós, a fome afecta hoje um maior numero de pessoas do que no tempo de PÉRICLES. Mas este, lutando contra Esparta ou contra os Persas, conduziu para a morte soldados que apenas desejavam viver. Infelizmente replicaríamos, as guerras dos nossos dias são muito mais mortíferas do que as dessa altura e, frequentemente, ao horror de morrer junta-se hoje em muitos casos o de morrer por nada. E o homem grego, pensativo, afirmaria: é evidente que vocês nem sempre utilizaram bem as fontes da vossa inteligência.

Nas representações de ÉSQUILO, quando EPIMETEU fez escapar todos os males só ficou a esperança. E a partir de então o homem acalentou a esperança de que os dons de PROMETEU se viessem sobrepor aos de EPIMETEU.

Também nós continuamos a acreditar que, em todas as circunstâncias, o progresso científico se poderá tornar sinónimo de progresso humano, através de soluções convenientemente adaptadas aos nossos problemas, e que a progressiva evolução das nossas sociedades reside em duas actividades especificamente humanas: crescimento regular do nosso crescimento e sua difusão, isto é, pesquisa e ensino.

Apesar disso, e embora CHATEAUBRIAND tenha afirmado que *os homens não são capazes de se manterem infelizes por muito tempo*, estamos muito conscientes para estarmos felizes, face à conturbada crise nacional e internacional que nos atinge, num mundo à beira de uma catástrofe colectiva, consecutiva às ilusões arrogantes que têm moldado substancialmente esta viragem da esquina da história a que hoje assistimos,

onde os mitos que ao longo do tempo ela criou se sobrepuseram ao entendimento e à memória.

De facto, a mais perigosa das ilusões contemporâneas é a de que vivemos numa época sem precedentes na qual o mundo que sairia deste transitar de milénio seria novo e irreversível e que o passado nada tinha a ensinar-nos, excepto quando se tratasse de o pilhar em busca de situações convenientes. Como é possível que na Europa, uma nova geração de cidadãos esteja cada vez mais esquecida da história? É certo que o mundo de hoje é muito diferente do de algumas décadas atrás, mas não terá este facto levado à perda da noção das nossas origens? Os resultados desta ignorância revelam-se agora calamitosos e o futuro não se afigura nada risonho. Estamos a perder os laços com um período de três gerações de debate, de pensamento e de activismo social; já não sabemos como discutir assuntos cruciais para as políticas públicas e caiu no esquecimento o papel dos intelectuais nesse debate, na transmissão e até na defesa das ideias que moldaram essa época.

A última vez que o mundo capitalista passou por um período de expansão inédita e de inusitada criação de riqueza individual foi durante a globalização *avant le mot* da economia mundial nas décadas que precederam a 1.^a Guerra Mundial; havia a presunção generalizada de que se estava no limiar de uma era verdadeiramente sem precedentes de paz e prosperidade ilimitadas, a que se seguiu, como todos sabem, uma ânsia de segurança que os europeus sentiram após três decénios de guerra e colapso económico. Na sequência deste desastre o estado europeu característico da 2.^a metade do século XX adquiriu capacidades e recursos sem precedentes. Na sua forma benévola, despertaram o que agora designamos por *estados – providência*, garantindo as necessidades e minimizando os riscos, sem se imiscuírem excessivamente na liberdade dos seus cidadãos, excepto na troca de benefícios sociais que de outra forma não se poderiam tornar universalmente disponíveis, como foi o caso dos serviços médicos, mas também de pensões de reforma, subsídios de desemprego e doença, educação gratuita, transportes públicos subsidiados, etc, etc, culminando o liberalismo reformista do fim do século XIX e assente num consenso transpartidário, muito similar, aliás, ao pensamento que animou os apoiantes do *New Deal* nos USA. Na Europa, esta rede de segurança social atrasou os índices de crescimento nos bons períodos, mas serviu os seus objectivos nos tempos mais difíceis.

Entretanto, nos últimos anos do século XX, a noção de que este tipo de intervenção deveria ser excluída da vida dos cidadãos, associada à queda dos regimes comunistas e

ao descrédito do seu projecto socialista, precipitou o descartar do estado como condição essencial e bem pensante do discurso público na maior parte do mundo desenvolvido. Se isto é bom ou mau é assunto de controvérsia, mas parece-me indiscutível que neste mundo desenvolvido essa inversão de política pública ocorreu de forma bastante repentina, por vezes com perigosas e nefastas distorções da própria democracia, de que é exemplo o facto de as pessoas serem hoje exclusivamente admiradas pelo sucesso, independentemente do modo como o tenham obtido. Ora, a sociedade não pode existir sem alguns preceitos éticos e por isso não pode deixar de haver espaço para o exercício do julgamento moral, sem o qual cairemos no declínio da moralidade pública, precipitado, aliás, pelo fundamentalismo de mercado nascido na escola económica de Chicago e desenvolvido pelo seu apóstolo HAYEK.

A maior parte das pessoas ainda não percebeu que esta crise é diferente das anteriores porque estamos no fim de uma era e que a confusão não se limita apenas à área financeira, esquecendo-se de que o modo como funciona a democracia depende, fundamentalmente, das pessoas que nela vivem. E parece surpreendente até que ponto a capacidade de conceber a política pública não é capaz de avançar para lá de um economicismo interpretado com tacanhez. Será que as energias políticas se esgotaram nas orgias de violência e repressão ocorridas entre 1914 e 1945? Hoje, *esquerda e direita*, terminologia herdada da Revolução Francesa, não deixaram de ter significado mas já não descrevem as fidelidades políticas de tantos cidadãos nas sociedades abertas. Assim, porque as grandes narrativas de Nação, História e Progresso, pareceram irrevogavelmente desacreditadas, concebemos os nossos propósitos colectivos em termos exclusivamente económicos – crescimento, PIB, eficiência, produção, taxa de juro, mercado bolsista, etc – como se estes não fossem apenas meios para atingir alguns fins sociais, mas fins em si mesmos, necessários e suficientes. Isto explica a razão pela qual a mais sintomática de todas as transformações dos últimos três decénios tenha sido a progressiva diminuição dos intelectuais.

A mudança com perturbação, e até a transformação global, não são inéditas em si, mas o que é significativo nos tempos em que vivemos é a facilidade e a rapidez com que se está a esquecer um mundo que mal acabamos de perder. Face à recente diminuição de poder dos estados – nação às mãos de empresas multinacionais, de instituições transnacionais e da movimentação acelerada de pessoas, dinheiro e bens fora do seu

controle, variados medos ressurgiram como ingredientes activos na vida política das democracias ocidentais e, acima de tudo, o receio de que não sejamos só nós que já não conseguimos moldar as nossas vidas mas que também as autoridades tenham perdido o controlo para forças fora do seu alcance. O homem nunca poderá ter o conhecimento suficiente que lhe permita basear todas as suas interpretações e decisões no conhecimento. Mas será que as circunstâncias do século XX foram realmente tão invulgares, tão únicas, em que os extremos políticos, os erros trágicos e as escolhas irracionais assentes em ideologias radicais, que tinham tanto de sedutoras como de diabólicas, não poderão repetir-se? Historicamente, quando vistas à escala dos milénios, as paixões humanas confundem-se. De facto, o tempo não acrescenta nem retira nada aos amores ou aos ódios sentidos pelos homens, aos seus compromissos, às suas lutas e às suas esperanças: ontem e hoje são sempre os mesmos. Talvez por isso a economia globalizada, com as suas leis inevitáveis e as suas exigências insaciáveis, não passe de mais uma ideologia para a qual se pretende que se voltem todos os assuntos e políticas, privadas e públicas, já que as fronteiras mais parecem simples cicatrizes da história.

E porque tudo isto tem muito a ver com a organização dos Serviços de Saúde, com a investigação e o ensino médicos, talvez fosse salutar dar uma vista de olhos pela maneira como no século XX se respondeu a dilemas em muitos aspectos comparáveis, particularmente em relação ao fornecimento colectivo de serviços sociais, onde se incluem os serviços nacionais de saúde.

A não ser que se queira correr o risco de a autoridade legítima de uma democracia saudável, dependente de um estado regulador, vir a ser substituída por um mundo cada vez mais polarizado entre indivíduos inseguros e isolados e forças globais não reguladas.

Estes são os desafios do milénio que agora se inicia e que também se puseram no início do século passado. Bom era que tivéssemos presente que num mundo complexo as panaceias simples dos mentores da liberdade contemporânea não nos ajudam mais do que as dos seus antecessores no outro lado dos abismos ideológicos radicais do século XX. Os tempos medíocres habitualmente geram profetas vazios e não é só a natureza que tem horror ao vácuo. Por isso, como a natureza humana, na sua essência, não se modifica muito ao longo da história, o meu medo é que se estejam a criar as condições que nos reconduzam a um passado singularmente horrível, onde um pintor medíocre ou um tsar vermelho foram responsáveis, entre muitos outros, por uma era terrivelmente inumana, uma época de brutalidade e sofrimento em massa, talvez sem igual ao longo

da história. Como diz ANDRE MALRAUX nas suas Antimemórias, a civilização está separada da barbárie apenas por uma película extremamente delgada.

Tenho, para mim, que as ideologias que apregoam a verdade absoluta são falsas, o que significa que só compulsivamente possam ser impostas à sociedade. Por isso me preocupa a ideia de que a esquerda de ontem e a direita de hoje partilhem, entre outras coisas, uma predisposição arrogante para negar a importância da experiência passada nos problemas do presente. Mas, como citava RENAN, *a maneira de se ter razão no futuro é, em certas horas, a de nos sabermos resignar a estar fora de moda.*